

OS CLÃS DOS ÍNDIOS KATUKINA

Maria Sueli de Aguiar

(UNICAMP)

1. Apresentação

Um dos objetivos deste artigo é procurar esclarecer alguns mecanismos que fizeram com que até a década passada fossem publicadas algumas informações equivocadas sobre os índios do rio Juruá. E, para esclarecer tais mecanismos, será apresentada uma breve história de como foram nominados os índios desta região, do rio Juruá, e de como foram obtidas as informações à respeito das tribos do Estado do Acre.

Outro ponto que observaremos é relativo à identidade assumida pelos índios que são, no momento, objeto de nosso estudo. Há suspeitas bastante relevantes para duvidarmos da identidade admitida por esses índios.

Pretendemos evidenciar certas informações enganosas que ainda são utilizadas como fonte de estudos, bem como dar os dados obtidos juntamente com as condições do trabalho feito para checar o engano cometido anteriormente.

Nossa preocupação central aqui é com relação as nominações das tribos indígenas do rio Juruá, onde aparecer nomes de clãs como sendo nomes de tribos. Como a nomenclatura (identidade) pode dar margem a equívocos de consequências mais amplas, gostaríamos de esclarecer pelo menos aquilo que nos foi possível verificar.

Para apresentarmos o problema e evidenciá-lo, acreditamos ser necessário falar sobre a tribo indígena, cujos clãs foram confundidos com tribos e, ainda, explicar os mecanismos utilizados para determinar se uma pessoa pertence a um clã ou a outro.

Citaremos em seguida as principais características do Estado do Acre, para melhor compreender a questão da escassez de informações sobre tal região de um modo geral. Isso significa que nós atribuímos parte desse problema a essas características.

2. Principais Características do Acre

O Estado do Acre está situado na região norte do Brasil, a 2.224 km de Brasília. Sua área é de grande extensão de rede hidrográfica, e de alta precipitação

hídrica, aliada à baixa fertilidade dos solos, havendo bastante erosão. O seu clima é quente (25°C) e é muito úmido (2.000 - 2.500 mm de chuvas).

No Acre praticamente chove durante seis meses ininterruptamente. Durante os outros seis meses também chove, mas é de maneira mais branda. No tempo da chuva é quase impossível as pessoas se locomoverem por terra. Os únicos meios de acesso ao Acre, em qualquer época, são o aéreo e o fluvial, sendo o primeiro raro e o segundo lento e precário.

Para os colonos os principais atrativos desta região são os recursos naturais da castanha e da borracha que podem ser coletadas abundantemente.

3. História do Acre

As primeiras informações obtidas sobre os índios desta região foram fornecidas por participante de expedição organizada para a extração de produtos florestais no início do século XIX.

Sabemos que nos altos cursos dos rios Juruá e Purus no Estado do Amazonas, existem tribos que são denominadas Katukina; e no Estado do Acre temos conhecimento de duas tribos indígenas com esse mesmo nome. Verificamos porém que essas tribos do Acre pertencem a etnias diferentes uma da outra.

Tais tribos do Acre estão localizadas, uma no município de Feijó e a outra vez está ocupando duas reservas no momento: uma reserva se encontra na altura do Km 60 da BR-364 no município de Cruzeiro do Sul e a outra no município de Tarauacá.

Os nomes das tribos indígenas desta região foram dados pelos primeiros exploradores e seringueiros que chegaram às bacias dos rios Juruá e Purus, juntamente com as informações sobre esses índios. Esses seringueiros se basearam nos ornamentos, sinais ou marcas que os índios usavam, para ser possível indentificá-los. É a esse fato que poderemos atribuir a nomenclatura dos índios que é um tanto confusa. Vamos tratar aqui da tribo Katukina, localizada na BR-364.

4. O Contato com o Katukina da BR-364

Em abril de 1984, ano em que participamos do Projeto Rondon, estivemos no Campus Avançado de nossa Universidade (UNICAMP) localizado em Cruzeiro do Sul-Acre. Como a tribo Katukina dista aproximadamente a 55 km desta cidade, aproveitamos para ter nossa primeira experiência de campo com a citada tribo.

Depois desse contato, sentimos necessidade de realizar um estudo mais sistemático sobre esses índios, uma vez que o material disponível sobre os Katukina é bastante escasso e um tanto duvidoso, principalmente no que diz respeito à Antropologia e à Linguística.

O nosso contato seguinte foi de novembro de 1984 a janeiro de 1985, e a nossa última visita a aldeia foi no período de julho a agosto desse mesmo ano, 1985. Com esses contatos em frases diferentes do ano, foi possível termos melhor visão e maior conhecimento do grupo e das suas atividades em épocas diferentes.

O grupo indígena Katukina, apesar do alto índice de mortalidade, ainda é composto por 300 (trezentas) pessoas. A maioria é bilíngue e está sendo alfabetizada apenas em português.

5. Os índios Katukina e seus Clãs

Os índios Katukina pertencem à família linguística Pano. Eles não possuem auto-determinação "tribal" específica, esses índios se identificam através de clãs.

Tivemos a preocupação de investigar sobre tais índios no que se refere ao seu nome verdadeiro. Essa questão nos pareceu bastante relevante a partir da observação da língua que esses índios falam. Nós não poderemos, ainda dizer qual é o nome do grupo que se diz chamar Katukina.

Há grande possibilidade deles pertencerem ao grupo Kaxináwa. O que tivemos como base para essa suspeita foram os dados linguísticos dos "Katukina" e dos Kaxináwa, com os quais fizemos uma comparação lexical, razoavelmente extensa. Outra base que temos é um texto onde o missionário Tastevin relata uma suspeita semelhante, (Tastevin-1924), também com base em dados linguísticos.

Apesar do que acabamos de dizer vamos continuar a tratar os índios de nosso interesse com o nome de Katukina para melhor esclarecer outros equívocos.

O que nós nos propomos a divulgar também são os nomes dos clãs e, logo em seguida, sua forma de descendência. Isso se faz necessário para justificar o motivo pelo qual um dos nomes de clã teria sido divulgado como sendo nome de tribo, em mapas de localização indígena.

Os clãs do Katukina são: Varináwa (povo do sol), Satanáwa (povo da lontra), Wanináwa (povo da fruta pupunha), Kamanáwa (povo da onça) e Naynáwa (povo do céu).

Encontramos no mapa "Povos Indígenas do Brasil", fornecido pelo CIMI (Conselho Indígena Missionário), e em várias outras fontes que por um motivo ou outro citam nomes de tribos indígenas, o nome do clã Naynáwa como grupo indígena.

Acreditamos ser oportuno apresentar a originalidade dos clãs Katukina bem como os mecanismos de sua descendência.

6. A Origem dos Clãs

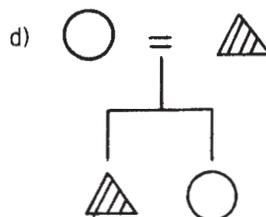
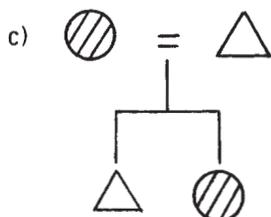
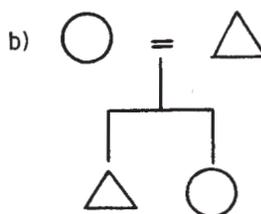
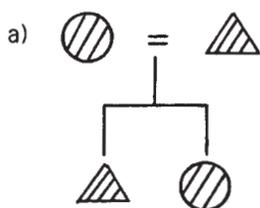
Segundo a crença dos Katukina, eles foram originados de 5 (cinco) ele-

mentos: do sol, da lontra, da pupunha (fruta), da onça, e do céu. Cada um desses elementos criou um homem e uma mulher. Mais tarde, quando cada casal gerou filhos, eles foram reconhecidos como membros de um clã.

Entre os Katukina, os clãs não têm a função de determinar a relação do casamento entre eles; os clãs servem para manter uma relação de superioridade e inferioridade entre os membros, posição esta que nenhum deles deixa de ter por toda sua vida.

O mecanismo de descendência dos clãs é determinado tanto pelo homem como pela mulher. Todos os dois geram pessoas do seu clã. O único fator a ser respeitado é o de que a pessoa obedecerá uma regra sexual. Isto é, se nascer uma criança de sexo feminino ela pertencerá ao clã de sua mãe; se por outro lado, nascer uma criança de sexo masculino ela pertencerá ao clã de seu pai.

Consideremos as ilustrações abaixo; os esquemas (a) e (b) aparecem em duas cores, uma em a e outra em b, para demonstrar o casamento entre pessoas de clãs não diferentes, e os (c) e (d) visualizam o casamento entre pessoas de clãs diferentes.



7. Conclusão

Para concluirmos esse nosso estudo inicial, gostaríamos de reforçar cada um dos nossos objetivos, dado que a nossa preocupação central é a de esclarecer alguns fatos ligados ao grupo Katukina e aos seus clãs.

Acreditamos ter apontado certos equívocos para os quais são necessários estudos que levam a certos esclarecimentos. Vimos através de dados históricos que é bem possível ter havido engano em relação aos índios do Estado do Acre. Aproveitamos ainda para chamar a atenção dos estudiosos, que têm suas preocupações voltadas para o índio, da importância de se conhecer melhor esses grupos. O que buscamos esclarecer foi a manifestação do nome de um clã Katukina, que é o Naynáwa, que está sendo utilizado para nomear uma tribo indígena.

Outro ponto que procuramos deixar claro foi em relação ao nome dos índios, os quais se dizem Katukina: mas que, por vários indícios, devem pertencer ao grupo Kaxinawá.

Acreditamos portanto que esses índios não são Katukina verdadeiramente. Eles são, com certeza, da família linguística Pano, mas devem pertencer a outro grupo indígena.

Tiveros a oportunidade de comparar dados lexicográficos desse grupo com os do Kaxináwa, o que trouxe bastante argumento para nossa suspeita de serem o mesmo grupo.

Outro objetivo nosso foi mostrar o mecanismo usado entre os índios "Katukina" para transmitirem seus clãs a geração seguinte. Sabemos que é muito comum às tribos terem um processo de transmissão dos clãs, que obedece a uma regra sexual, em que as descendências dos clãs é patrilinear ou matrilinear. Como observamos, os índios que estão servindo como fonte de nossos estudos obedecem outra regra na descendência do clã: o filho descende do pai e a filha descende a mãe. Tal processo é chamado Paralelo, o que parece não ser muito comum entre os povos já estudados, e mais raro ainda, se considerarmos o mecanismo usado pelos índios brasileiros já estudados.

BIBLIOGRAFIA

ABREUJ, Capistrano. Rã-txa hu-ni-ku-i: A língua dos Caxináwa do Rio Ibusu, afluente do Muru,... Ed. Briguiet Rio Janeiro 1914.

BRINTON, Daniel The American Race: A Linguistic classification and ethnographic description of native tribes of north and soyth Americ. New York, N.S.C. Hodges, 1891.

CHANDLESS, W. Arquivos. Associação Comercial do Amazonas, notas sobre o Rio Purus, seletas, London, 1949.

LABRE, A.R.P. Notícias do Rio Purus, seleta, Maranhão, 1892.

OPPENHEIM, Victor. Anais da Academia Brasileira de Ciencias. "Sobre os restos de Cultura Neolítica dos Índios "Panos" do alto Amazonas", Rio de Janeiro, 8:311318, 1936.

RIVET, P.S. Tastevin, C. Anthropos. Les Dialectes Pano do Haut Juruá e du Haut Purus. Paris, 1927.

TASTEVIN, C. La Geographie "Le Riozinho da Liberdade". Paris, Société de Geographie, 1928.

TASTEVIN, R.P. Constant. II Chez les indiens du haut jurua. III Les Missious Catholiques. III Lyon, s.c.p., 1924-III p. 65-8, 90-3 (xerox de periódico).